

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

AMANDA LAMECK PINHO

AVALIAÇÃO DO IMPACTO DA RELAÇÃO COM ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO NA
CONDIÇÃO DE SAÚDE DE IDOSOS RESIDENTES EM CURITIBA-PR

CURITIBA

2014

AMANDA LAMECK PINHO

AVALIAÇÃO DO IMPACTO DA RELAÇÃO COM ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO NA
CONDIÇÃO DE SAÚDE DE IDOSOS RESIDENTES EM CURITIBA-PR

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à disciplina TCC II como requisito parcial à
conclusão do curso de graduação em
Biomedicina, Setor de Ciências Biológicas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profª Milene Zanoni da Silva
Vosgerau

Co-orientador: Walfrido Kühn Svoboda

CURITIBA

2014

RESUMO

O presente trabalho avalia o impacto da presença de animais de estimação na saúde de idosos residentes em Curitiba-PR, para tanto, foi elaborado um questionário com questões de saúde, grau de satisfação com a vida e relação com animais de estimação para investigar se a presença de animais está envolvida com uma melhor qualidade de vida desses idosos. Os entrevistados relataram que acreditam que a presença do animal de estimação contribui para melhorar seu estado de saúde física, mas principalmente psicológica, melhorando o seu estado de humor e diminuindo estados depressivos. Esta relação costuma ser intensa a ponto dos idosos considerarem seus animais como membros da família, fontes de apoio emocional e companhia.

Palavras-Chave: Animal de estimação. Idosos. Qualidade de vida. Saúde.

ABSTRACT

This study assess the impact of the presence of pets in the health of elderly residents of Curitiba - PR , for both , a questionnaire of health, nutrition , satisfaction with life and relationship with pets was established to investigate whether the presence of animals is involved with a better quality of life of seniors . Respondents reported that they believe that the presence of the pet helps to improve your physical health , but mostly psychological , improving your mood and decreasing depressive state. This relationship tends to be intense to the point of seniors consider their pets as family member, sources of emotional support and companionship.

Keyword: Pet. Elderly. Quality of life. Health.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 HIPÓTESES	2
1.2 OBJETIVOS	2
1.2.1 Objetivo Geral	2
1.2.2 Objetivos Específicos	3
1.3 JUSTIFICATIVA	3
2. REVISÃO DA LITERATURA	4
2.1 ENVELHECIMENTO	4
2.2 RELAÇÃO IDOSOS-ANIMAIS	7
3. METODOLOGIA	10
4. RESULTADOS	12
REFERÊNCIAS	35
ANEXOS	39

1 INTRODUÇÃO

A população idosa vem crescendo em ritmo acelerado nos últimos anos devido ao aumento da expectativa de vida da população e a diminuição das taxas de fertilidade (COSTA; BARRETO, 2003; ARAUJO *et al.*, 2011). No Brasil estima-se que em 2025 esse grupo será de aproximadamente 30 milhões de indivíduos, correspondendo a sexta maior população mundial de idosos (VERAS, 2009; ARAUJO *et al.*, 2011). Em Curitiba, no Paraná, a população de idosos corresponde a 132.223 indivíduos, representando 7.54% da população (IBGE 2010).

Em 1974, o Relatório Lalonde definiu as bases de um movimento pela promoção da saúde, portanto, estudar a população idosa torna-se uma importante questão de saúde pública, a fim de "*não somente adicionar anos a vida, mas sim, vida aos anos*" (PAIM; FILHO, 1998).

A demanda por assistência médica no Brasil corresponde a 23% dos gastos públicos e nesse sentido, deve-se buscar a melhoria da qualidade de vida dessa população para promover o envelhecimento saudável (COSTA *et al.*, 2003). O envelhecimento saudável consiste em um conjunto que envolve saúde física, mental e independência na vida diária, integração social, suporte familiar, aspectos emocionais e independência econômica (RAMOS, 2003; CUPERTINO *et al.*, 2007).

Buscando alternativas para a melhoria da qualidade da vida da população idosa, vários autores defendem a hipótese de que animais de estimação podem ser facilitadores desse processo. Sabe-se que a relação homem-animal data de milhares de anos atrás. De acordo com Chieppa (2002), essa relação pode ser dividida em três fases principais: (a) Concepção arcaica do animal, na qual estes eram vistos como divindades; (b) Concepção econômico-funcional do animal, na qual o animal passou a servir ao homem e finalmente, (c) Concepção ética do animal, na qual o animal passa a ser percebido como um ser sensível de prazer e dor, criam-se direitos para defendê-los e eles começam a ser considerados como distribuidores de benefícios para o homem.

A partir de 1792, William Tuke começou a utilizar animais como terapeutas para seus pacientes com desordens mentais (CARVALHO *et al.*, 2001), que passou a ser chamada de Terapia Assistida por Animais (TAA), prática que foi se tornando

cada vez mais comum como alternativa para tratamentos principalmente de crianças e idosos. Nos anos 80, cães foram utilizados em terapias psiquiátricas, num experimento com 50 pacientes que apresentavam considerável grau de introversão. Ao final desse estudo, 47 apresentaram melhora clínica, tendo em vista que a relação entre os animais e os pacientes contribuiu para o aumento da autoestima, senso de responsabilidade, confiança e afeto (BECK; KATCHER, 1996).

Kawakami e Nakano (2002) citam dentre os benefícios oferecidos pela TAA: exercícios fonoaudiológicos estimulados por chamar os animais; exercício da coordenação motora ao acariciar ou brincar com o animal, auxiliando também na redução do estresse e redução da pressão arterial, diminuição da percepção de ansiedade e dor, aumento da imunidade devido à exposição a antígenos provenientes do animal, promovendo um maior estímulo do sistema imunológico e consequente redução de alergias e outros problemas respiratórios, melhora no comportamento social e relações interpessoais, entre outras. Esses pesquisadores também constataram que a presença do animal durante o tratamento reduzia o uso de medicamentos pelos pacientes que também saíam do hospital antes daqueles que não mantiveram contato com os animais. Os índices de depressão também diminuíram com ajuda dos animais, que provocavam a elevação das taxas de endorfina nos pacientes (CARVALHO *et al.*, 2011).

Uma vez que grande parte dos estudos na área da saúde se refere aos animais como fatores de risco, relacionando-os com o aumento do risco de ocorrência de uma doença ou agravo à saúde, o presente trabalho pretende analisá-los como fatores de proteção a doenças físicas e, principalmente, psíquicas aos idosos que possuem animais de estimação.

1.1 HIPÓTESE

A relação de idosos com animais de estimação tem influência positiva em sua saúde e qualidade de vida.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

- Avaliar o impacto do vínculo de animais de estimação na saúde biopsicossocial de idosos de Curitiba-PR.

1.2.2 Objetivos específicos

- Avaliar o perfil sociodemográfico dos idosos entrevistados;
- Identificar estilo de vida, perfil de morbidades e utilização de serviços de saúde;
- identificar fatores associados à presença de animais de estimação no domicílio;

1.3 JUSTIFICATIVA

A finalidade principal desse projeto dá-se pela necessidade de conhecer o perfil da população idosa da cidade de Curitiba-PR, tendo em vista que esse grupo está em acelerado crescimento e carece de intervenções mais eficazes a fim de melhorar a qualidade de vida dessa população.

Espera-se com isso que os idosos que possuam animais de estimação tenham um envelhecimento mais saudável evitando o aparecimento de doenças crônicas e de etiologia múltipla, as mais comuns nessa faixa etária.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ENVELHECIMENTO

O acelerado ritmo de crescimento populacional de idosos e a inversão da pirâmide demográfica vêm sendo observados mundialmente e, mais recentemente, tornaram-se notáveis em países em desenvolvimento. No Brasil esse fenômeno está ocorrendo com rapidez, fruto do aumento da expectativa de vida da população e da diminuição das taxas de fertilidade (COSTA *et al.*, 2003; FIEDLER; PERES, 2008; SIQUEIRA *et al.*, 2008; ARAÚJO *et al.*, 2011). A expectativa de vida dos brasileiros em 1900 não chegava aos 35 anos de idade, já em 1950 alcançou os 43 anos, em 2000, 68 anos, e para 2025 espera-se atingir os 80 anos (FIEDLER *et al.*, 2008). A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera idoso aquele indivíduo que possui 65 anos ou mais de idade em países desenvolvidos, enquanto que, em países em desenvolvimento, estipula-se a idade de 60 anos ou mais (WHO, 2005).

O número de idosos no Brasil passou de 3 milhões, em 1960, para 7 milhões, em 1975, 15,4 milhões em 2002, e 20 milhões em 2008, contabilizando um aumento de quase 700% em menos de 50 anos (PINTO; BASTOS, 2007; VERAS, 2009; ARAÚJO *et al.*, 2011). Atualmente, segundo dados do IBGE, a população de idosos no Brasil representa 10.8% da população total do país. Estimativas projetam que, em 2025, o Brasil terá a sexta maior população mundial de idosos, correspondendo a aproximadamente 30 milhões de pessoas, o que equivalerá em torno de 15% da população brasileira (VERAS, 2009; ARAÚJO *et al.*, 2011). Em Curitiba, no Paraná, a população de idosos é de 132.223 indivíduos, correspondendo a 7.54% da população (IBGE 2010). Em conjunto com o aumento da proporção de pessoas com 60 anos ou mais, a redução no número de crianças e jovens culmina no envelhecimento populacional. Faz-se necessário, porém, que este aumento do número de anos de vida, venha acompanhado da melhoria ou manutenção da saúde e qualidade de vida (WHO, 2005).

Em consequência desse ritmo acelerado de crescimento populacional de idosos, Veras (2009) intitula o Brasil de hoje como um “jovem país de cabelos brancos”, em que a cada ano, 650 mil novos idosos incorporam-se à população brasileira, sendo que desses a maior parte apresenta quadros de doenças crônicas

e alguns, limitações funcionais.

Até agora, o envelhecimento da população esteve muito associado às regiões mais desenvolvidas do mundo, entretanto atualmente esse processo abrange também os países em desenvolvimento. Todavia, em contraste com os países desenvolvidos, que tiveram o envelhecimento de sua população de forma gradual e acompanhado de crescimento socioeconômico, os países em desenvolvimento não têm acompanhado o ritmo rápido de envelhecimento da população em termos de desenvolvimento socioeconômico (WHO, 2005).

Com esse processo de envelhecimento reduzido a duas ou três décadas, os países em desenvolvimento estão envelhecendo antes de obterem um aumento suficiente em sua riqueza, enquanto os países desenvolvidos tornaram-se ricos antes de envelhecerem (WHO, 2005), o que acarreta em certas consequências na qualidade de vida e no acesso à saúde dessa população em ascensão.

O fenômeno do envelhecimento torna-se uma questão de saúde pública, e se fazem necessárias providências e medidas para uma melhoria na qualidade de vida dos idosos. Desse quadro de envelhecimento derivam-se repercussões que se expandem para a sociedade como um todo, e refletem em um aumento da demanda por serviços médicos e sociais (COSTA *et al.*, 2003; PINTO *et al.*, 2007; VERAS, 2009).

Entre os idosos, as doenças cardiovasculares são as principais causas de mortalidade, tanto nos EUA quanto no Brasil. A pneumonia e a infecção pelo vírus influenza são ainda importantes causas de hospitalização e morte entre a população idosa, assim como a morbidade e a mortalidade associadas a diferentes tipos de câncer aumentam com a idade e fazem dos cânceres de mama e da próstata os mais frequentes entre mulheres e homens idosos, respectivamente (COSTA *et al.*, 2003).

A demanda por assistência médica da população brasileira idosa é tão alta que o seu atendimento já responde por 23% dos gastos públicos com internações hospitalares (COSTA *et al.*, 2003). No Brasil, as doenças próprias do envelhecimento, como doenças crônicas e múltiplas que perduram por anos, passaram a ganhar maior expressão na sociedade em geral e caracterizam um cenário de exigências de cuidados constantes, medicação contínua e exames periódicos. Esse quadro fomenta uma série de questões cruciais para gestores e pesquisadores dos sistemas de saúde (VERAS, 2009).

O envelhecimento populacional se traduz em uma maior carga de doenças na população, mais incapacidades e aumento do uso dos serviços de saúde (VERAS, 2009). Apesar dessa evidente necessidade por maiores cuidados com essa população, é ainda grande a desinformação sobre a saúde do idoso e as particularidades do envelhecimento populacional para a saúde pública em nosso contexto social (WHO, 2005). Os esforços no país ainda são pontuais e desarticulados (VERAS, 2009). O Ministério da Saúde incluiu a saúde do idoso como item prioritário na agenda de saúde do país apenas recentemente, objetivando a garantia da atenção integral à saúde dessa população no âmbito do SUS, dando ênfase ao envelhecimento saudável e ativo (VERAS, 2009).

Estudos epidemiológicos têm mostrado que o envelhecimento não está necessariamente fixado inevitavelmente a doenças e limitações, sendo assim o uso de serviços preventivos, eliminação de fatores de risco e adoção de hábitos de vida saudáveis são importantes para um processo de envelhecimento saudável (COSTA *et al.*, 2003; ARAÚJO *et al.*, 2011). Nessa perspectiva, segundo Araújo e colaboradores (2011) o envelhecimento bem-sucedido pode ser atingido a partir de três componentes: a) menor probabilidade de doença, b) alta capacidade funcional física e mental e c) engajamento social ativo junto à teia social. Envelhecimento saudável, então, resulta de um processo multidimensional entre saúde física, saúde mental, independência na vida diária, integração social, suporte familiar, aspectos emocionais e independência econômica (RAMOS, 2003; CUPERTINO *et al.*, 2007).

Em um contexto de envelhecimento populacional, os programas e políticas de promoção da saúde do idoso são cada vez mais necessários para permitir que as pessoas continuem a trabalhar de acordo com suas capacidades e preferências e para prevenir e retardar as incapacidades e doenças crônicas, visto que essas são consequências tanto para os indivíduos e para as famílias quanto para os sistemas de saúde (WHO, 2005; ARAÚJO *et al.*, 2011).

No quesito independência, Curitiba apresenta um elevado índice de idosos que moram sozinhos, se comparado com outros municípios e estados (BRASIL, 2010). Isto pode significar que estes gozam de certa estabilidade financeira e saúde de qualidade, uma vez que dispensam cuidados de parentes ou outros cuidadores. Se tratando da renda mensal dos idosos curitibanos, a proporção de indivíduos que recebem até um salário mínimo é aproximadamente a metade de outros municípios do país. Sugere-se então que a grande maioria dessa população possui renda maior

do que um salário mínimo, e este pode ser um dos indicadores pelo qual os idosos curitibanos têm acesso mais amplo à saúde quando comparados com idosos de outras localidades (BRASIL, 2010). No que diz respeito aos serviços de saúde em Curitiba, poucos idosos estão cadastrados nas unidades de Estratégia Saúde da Família (ESF) se comparados a outros municípios (BRASIL, 2010). Isto pode sugerir que a maioria dos idosos utiliza de serviços de saúde particulares e planos de saúde quando se trata de idosos de classe média/alta, enquanto que, por outro lado, também pode-se considerar que uma parcela dos idosos de baixa renda ainda não está cadastrada nas ESF por falta de informação sobre as mesmas ou por falta de uma unidade disponível em seu bairro ou setor censitário.

2.2 RELAÇÃO IDOSOS-ANIMAIS

Comumente os animais são considerados fatores de risco, de maneira que estão relacionados com o aumento da probabilidade de ocorrência de uma doença ou agravo à saúde. Porém, neste trabalho os animais de estimação foram avaliados como fatores de proteção, analisando se a presença deste animal diminui a manifestação de doenças físicas e mentais.

A ótica de animais como fatores de proteção está sendo cada vez mais explorada na literatura. Em 1984, os pesquisadores Cusack e Smith mostraram em seu estudo que pacientes que acariciavam animais tinham considerável redução na sua pressão arterial. Um estudo de Garrity e colaboradores no ano de 1989 já apontava que a saúde física de idosos que não tinham companhias humanas era melhor quando esses indivíduos possuíam animais de estimação.

Siegel (1990) constatou que idosos iam menos ao médico quando tinham animais de estimação em casa, assim como Raina *et al.* (1999) observaram que a presença de animais é benéfica para a saúde física e psicológica de idosos.

Serpell (1990) e Cutt *et al.* (2007) apontaram os animais como incentivadores da atividade física de seus tutores, o que refletia diretamente na melhora da saúde dessas pessoas. Além da melhora da saúde física, os animais já foram relacionados como promovedores de uma melhor saúde mental de seus tutores, como mostra o estudo de Kawakami e Nakano (2002). Segundo os autores, a presença do animal diminui a percepção de ansiedade, dor, ajuda a controlar o estresse e a depressão.

Outro ponto estudado por vários autores, dentre os quais Costa e colaboradores (2009), classifica os animais como "lubrificantes sociais", capazes de aumentar o convívio social dos tutores.

Em 1972 se iniciaram as primeiras atividades consideradas terapêuticas envolvendo animais, com o precursor William Tuke. A York Retreat, um centro de tratamento para pacientes com alterações mentais foi criada com o objetivo de utilizar animais como auxiliares no desenvolvimento desses pacientes. Em 1962, Boris Levinson adotou essa espécie de terapia e passou a utilizar na área da psicologia, atribuindo o nome de Terapia Assistida por Animais (TAA). No Brasil, a precursora da TAA foi a psiquiatra Nise da Silveira. Na década de 50, a médica percebeu que seus pacientes esquizofrênicos se vinculavam a cães com facilidade e que essa relação era benéfica, pois os animais funcionavam como referência estável do mundo externo, tornando mais fácil o contato com a realidade (PEREIRA, PEREIRA, FERREIRA, 2007).

Durante a terceira idade, a presença de companhias humanas como cônjuges, filhos e amigos, tende a reduzir devido a mudanças nos papéis sociais dos idosos. Isso contribui para o aumento da prevalência de idosos que vivem sozinhos, prática que pode trazer estresse e depressão, fatores que alteram respostas hormonais e promovem o agravamento de doenças cardiovasculares, distúrbios gastrointestinais e desordens autoimunes (RAMOS, 2002). Segundo Faraco e Seminotti (2004), os animais podem preencher o lugar de filhos ou outros familiares que se ausentaram do idoso. Para Suthers-McCabe (2001), animais de estimação são "*companhias íntimas que não oferecem competição e podem ser amados sem o medo da rejeição*". Animais de estimação também possuem a capacidade de inspirar o bom humor nas pessoas, e ainda se tratando do bem estar, a autoestima dos idosos pode aumentar pelo fato destes se sentirem amados pelos animais os quais estão oferecendo cuidados (BECK e KATCHER, 2003; RAMOS, 2002; COHEN, 2002).

A interação homem-animal contribui com o surgimento de sensações de felicidade, amor, segurança, companheirismo, responsabilidade, proporcionando benefícios à saúde física através da redução da pressão sanguínea, colesterol, triglicerídeos e também da saúde da mente, aliviando o estresse (PENTEADO, 2012), diminuindo a ansiedade (FRIEDMANN, 2000; GARRITY E STALLONES, 1998), ampliando habilidades sociais, atenuando a solidão e sentimentos

depressivos (PENTEADO, 2012).

Segundo Allen *et al.* (2002), há associação entre a presença de animais de estimação e redução de alguns fatores de risco cardiovascular. Foi relatado que pessoas que possuem animais de estimação possuem uma maior sobrevivência após sofrer um ataque cardíaco do que pessoas que não possuem animais. Segundo Raina *et al.* (1999), a presença de animais de estimação também está envolvida com a redução de consultas médicas quando as variáveis sexo, idade, etnia, educação, renda, ocupação, suporte social e problemas crônicos de saúde são controladas (COSTA, 2006).

A presença do animal de estimação também promove momentos lúdicos, diminuindo sensações de aborrecimento e estimulando ações mais ativas nas tarefas do dia a dia (LIMA; SOUSA, 2004). Além disso, esta relação proporciona a comunicação entre os indivíduos, que passam a interagir mais facilmente em conversas com amigos ou até mesmo desconhecidos (GARRITY; STALLONES, 1998, FRIEDMANN, 2000).

Estudos mostram que idosos estão considerando cada vez mais seus animais de estimação como membros da família (SUTHERS-McCABE, 2001), mostrando que esses são fonte de suporte social (RAMOS, 2002; COHEN, 2002, BECK; KATCHER, 2003). Estes laços tendem a ser mais fortes e profundos na terceira idade do que anteriormente na vida de um indivíduo. A interação entre idosos e animais compõe um relacionamento benéfico para ambos, que passam a interagir de forma emocional, psicológica e física (SUTHERS-McCABE, 2001).

No contexto psicológico, os animais de estimação têm potencial de estimular os idosos no senso de responsabilidade, interesse e propósito de viver (COSTA, 2006). De acordo com Vining (2003), esta relação se fortalece porque os animais facilitam a elevação da autoestima, oferecendo conforto e companhia, além de promoverem relações sociais. Vining ainda sugere que os homens são seres sociais, e os animais invocam para nossa aptidão de interagir socialmente e são capazes de ajudar a atenuar doenças fisiológicas, psicológicas e aumentar a sobrevivência de quem convive com eles (COSTA, 2006).

Desta forma, é possível perceber que a interação entre homens e animais traz diversos benefícios, especialmente associados a aspectos afetivos e emocionais, funcionando como fator de proteção à saúde, principalmente a psíquica (COSTA, 2006).

3 METODOLOGIA

Foi realizado um estudo epidemiológico observacional do tipo transversal. O estudo foi desenvolvido com idosos frequentadores de parques e praças pré-definidos de Curitiba-PR. Dentre os parques e praças estão: Passeio Público, Jardim Botânico, Parque Barigui, Praça Osório, Praça Oswaldo Cruz, Parque São Lourenço e Praça do Japão.

A amostragem foi aleatória e a pesquisa foi realizada individualmente em dias e horários alternados, porém adequados à presença do público alvo nos locais, através da aplicação de um questionário semi-estruturado, disponível nos anexos do presente trabalho, abrangendo informações sociodemográficas e de hábitos de vida. Também foi analisada a convivência e relação dos idosos com animais de estimação a fim de avaliar a qualidade de vida dessa população e o envelhecimento saudável. Posteriormente, a metodologia da pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foram detalhadamente explicados e o entrevistado pôde concordar ou não em assiná-lo e responder voluntariamente às questões. Para isso, como critério de inclusão foram selecionados idosos (60 anos ou mais) com capacidade cognitiva suficiente, ou seja, capazes de entender e responder as questões propostas e que fossem residentes da cidade de Curitiba. Como critérios de exclusão foram adotados os fatores: ter menos de 60 anos, não possuir capacidade cognitiva suficiente para responder as questões, não residir em Curitiba ou não concordar com o Termo de Consentimento.

Nos dias de coleta de dados, os sujeitos da pesquisa liam e, caso concordassem, assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em seguida, as pesquisadoras conduziam a entrevista por meio de aplicação de questionário.

As informações anotadas nos formulários foram duplamente digitadas em banco de dados criado no programa do Epi Info, versão 3.5.2 para Windows. Para o procedimento de validação, foram comparados e, após correção, foi obtido o banco de dados definitivo para a análise estatística.

Para análise descritiva, foram utilizadas medidas de ocorrência como média, mediana, desvio padrão, e gráficos. As respostas da questão aberta foram reunidas em categorias temáticas com determinação posterior de suas frequências absolutas

e relativas. As variáveis contínuas foram comparadas pelo teste Kruskal-Wallis e as proporções pelo teste de qui-quadrado. O presente trabalho foi aprovado no comitê de ética da UFPR, segundo parecer 646.983 e cuja carta de aprovação segue em anexo.

4 RESULTADOS

O presente artigo é produto do Trabalho de Conclusão de Curso "*Avaliação do impacto da relação com animais de estimação na condição de saúde de idosos residentes em Curitiba-PR que frequentam parques*" e será encaminhado para a Revista de Atenção Primária à saúde. Nele constam também a discussão e conclusão do presente trabalho.

Avaliação do impacto da relação com animais de estimação na condição de saúde de idosos residentes em Curitiba-PR

Impact assessment of the relationship with pets in the health status of elderly residents in Curitiba-PR

Amanda Lameck Pinho¹, Milene Zanoni da Silva Vosgerau²

RESUMO

Objetivo: O presente estudo teve como objetivo avaliar o impacto da presença de animais de estimação na condição de saúde de idosos frequentadores de praças e parques de Curitiba-PR. Dentro da pesquisa também foi avaliado o perfil sociodemográfico dos idosos bem como identificado o estilo de vida, perfil de morbidades, utilização de serviços de saúde e os fatores associados com a presença de animais de estimação no domicílio segundo variáveis sociodemográficas e de condições de saúde. Pretendeu-se então avaliar o impacto do vínculo de animais de estimação na saúde biopsicossocial de idosos. Resultados: Foi constatado que a grande maioria dos idosos considera seus animais como membros da família e a importância dessa relação reflete na saúde de seus tutores que se sentem menos solitários e motivados a praticar atividades físicas. Os entrevistados, de maneira geral, acreditam que a presença do animal interfere na sua qualidade de vida, que a presença do animal melhora o seu humor e que quem possui animal de estimação tem uma melhor saúde física e psicológica e um maior círculo social. Conclusão: A presença dos animais de estimação interfere positivamente na qualidade de vida dos idosos e pode melhorar a saúde física, mas principalmente psicológica de seus tutores.

PALAVRAS-CHAVE: Idosos; Animais de Estimação; Qualidade de vida; Saúde.

¹ Amanda Lameck Pinho, estudante de Biomedicina da Universidade Federal do Paraná. E-mail: pinho.lamanda@gmail.com

² Milene Zanoni da Silva Vosgerau, professora adjunta I do departamento de Saúde Comunitária da Universidade Federal do Paraná. E-mail: milenezanoni@gmail.com

ABSTRACT

Objective: This project aims to assess the impact of the presence of pets in the health of elderly who frequent squares and parks in Curitiba-PR. In this study is also evaluated the sociodemographic profile of the elderly and identify lifestyle, morbidity profile, use of health services and the factors associated with the presence of pets in the household according to sociodemographic variables and health conditions services. The intention was then evaluate the impact of pet in the biopsychosocial health of the elderly. **Results:** It was found that the vast majority of older people consider their pets as family members, and the importance of this relationship reflects in the health of their owners, that feel less lonely and motivated to practice physical activities. Respondents, in general, believe that the animal's presence interferes with their quality of life, they believe also the animal's presence improves your mood and who has pet has a better physical and psychological health and a larger social circle. **Conclusion:** The presence of pets positively affects the quality of life of older people and can improve physical health, but mainly psychological of their owners.

KEYWORDS: Eldery; Pets; Quality of Life; Health.

INTRODUÇÃO

O processo do envelhecimento está relacionado com diversas mudanças sociais, econômicas, físicas e psicológicas. Essa complexidade de fatores precisa ser entendida para que a terceira idade não seja um período tão difícil para o idoso, sendo necessário que este conte com um suporte sócio-emocional suficiente para garantir a sua qualidade de vida. Porém, de acordo com Ramos (2002), nem sempre isso acontece, sendo comum que o idoso se encontre solitário como consequência da restrição das companhias humanas.

Nesse aspecto, o estresse associado à solidão aumenta as chances de surgirem doenças físicas e psicológicas. Segundo Neto (2003), a satisfação com a vida é inversamente proporcional a solidão. No estudo de Savikko *et al.* (2005), 3915 idosos foram questionados sobre a solidão. Dentre as conclusões, foi constatado que os idosos que se sentiam mais solitários eram os que se encontravam em pouco vigor físico, viúvos e com baixa renda. Outras causas atribuídas à solidão foram doenças e falta de amigos ou companheiros. De acordo com Neto (1999), a aposentadoria gera perda de renda, prestígio e o idoso passa a se

sentir menos competente e útil, favorecendo sentimentos de isolamento e depressão (TEIXEIRA, 2010).

Segundo Suthers–McCabe (2001) a presença de animais de estimação pode contribuir para suprir essa necessidade emocional do idoso, funcionando como restauradores da auto-estima de seus tutores e devolvendo a felicidade proporcionada pelas relações sociais que foram restringidas na terceira idade.

Entretanto, a grande maioria dos estudos na área aponta que a interação humano-animal seria apenas fator de risco à saúde da população, sem abordar sobre os possíveis fatores de proteção. Como exemplo, pode-se citar o estudo de Massard & Fonseca (2004), que fizeram um levantamento das principais espécies de carrapato que são comuns a animais domésticos, silvestres e seres humanos no Brasil, e as doenças decorrentes da picada de destes carrapatos. Outros estudos analisam o risco aumentado de desenvolver alergias, motivo pelo qual muitas vezes alguns tutores se desfazem de seus animais por indicação médica (MCNICHOLAS *et al.*, 2005). No entanto, pesquisas da *University of West Virginia* mostram que a higiene e o cuidado com a saúde do animal pode reduzir em até 93% as reações alérgicas (OWNBY, 2002).

Segundo Faraco (2004), as relações interespecie datam de centenas de anos atrás e proporcionam diversas vantagens tanto para o homem quanto para a outra espécie animal. Segundo o autor, o animal pode atuar como facilitador social, veículo simbólico para a expressão de emoções, foco de atenção e agente tranquilizador, objeto de apego, fonte de suporte social e instrumento vivo para aprendizagem de novas estratégias e formas de pensar e agir (KATCHER, 2000).

Uma maneira de relacionar humanos e animais de maneira terapêutica é através das Terapias Assistidas por Animais (TAA), principiadas em 1972 por William Tuke que estabeleceu a presença de animais como terapeutas para seus pacientes com distúrbios mentais (CARVALHO, 2001). No Brasil, a precursora das TAAs foi a médica psiquiatra Nise da Silveira. Nise era contra terapias agressivas com seus pacientes esquizofrênicos e notou que eles facilmente interagiam com cães. A partir daí, ela criou o conceito de afeto catalisado e passou a utilizar os cães como co-terapeutas, que funcionavam como um ponto de apoio seguro para o doente voltar a entrar em contato com a realidade (LEAL, 2007).

A literatura conta com alguns estudos relacionando diretamente a presença de animais com benefícios para a saúde humana. Friedmann e colaboradores (1980) analisaram a sobrevivência de 92 pacientes após infartarem e concluíram que os que possuíam animais de estimação tinham uma sobrevivência de um ano a mais dos que não possuíam, diminuindo

também a prevalência da doença da artéria coronária. Dos pacientes que não possuíam animais, 28.2% morreram em um período de tempo mais curto do que aqueles que possuíam.

Outro estudo de Anderson e Jennings (1992) mostrou que as taxas de colesterol dos entrevistados que possuíam animais eram 2% menor do que os que não possuíam. Embora pareça uma pequena diferença, os autores ressaltam que mesmo uma redução de 1% já é suficiente para diminuir duas vezes o risco de mortalidade por doenças cardiovasculares. Friedmann e Thomas (2003) também analisaram o efeito da presença do animal de estimação sobre a variabilidade da frequência cardíaca (VFC) em pacientes que sofreram infarto. A medida da VFC detecta anomalias na modulação autônoma do nó sinusal e uma baixa VFC pode significar maiores chances de mortalidade em pacientes enfartados. O estudo mostrou que a longo prazo, os índices da VFC foram maiores nos proprietários de cães, sugerindo que a presença contínua de um animal aumenta a sobrevivência de seu dono, de maneira que há diferenças na modulação autônoma cardíaca entre os pacientes que possuíam e os que não possuíam animais.

Allen *et al.* avaliou se a presença de animais de estimação seria mais eficaz do que a administração de inibidores da ECA em resposta ao estresse mental. Foram estudadas as reações pós situação de estresse, como por exemplo discursar em público, de 48 pacientes hipertensos, divididos entre os que possuíam e os que não possuíam animais de estimação. Foi verificado que o aumento da pressão arterial ao passar pela situação estressante foi consideravelmente reduzido nos pacientes que possuíam animais, evidenciado pela comparação entre a pressão arterial basal, frequência cardíaca e renina plasmática. (WOLFF, FRISHMAN, 2005).

O mecanismo pelo qual a presença de animais melhora a saúde física humana ainda não é totalmente conhecido, todavia Wolff e Frishman (2005) propõe que o estresse diário ativa o sistema nervoso simpático, desencadeando as respostas de luta ou fuga que acabam por acumular hormônios específicos desse processo. Caso essa carga extra hormonal não seja eliminada, contribui para a deterioração do sistema cardiovascular. Dessa forma, a presença do animal funciona como um redutor de estresse, evitando tal deterioração. Outro experimento realizado por Odendaal (1999) analisou o sangue e a pressão arterial média antes e depois de voluntários interagirem com cães e observou-se que a queda de pressão arterial foi acompanhada pelo aumento de beta-endorfina, ocitocina, prolactina e dopamina, além da redução do cortisol, conhecido como o hormônio do estresse.

A relação cada vez mais íntima humano-animal também beneficia o animal de estimação, uma vez que os humanos passam a considerá-lo com mais respeito e atenção.

Alguns estudos mostram uma crescente preocupação com os direitos e o bem-estar animal, tanto no âmbito de animais para consumo, na ciência, como também para animais de companhia (WEBSTER, 2005). Com relação aos animais domésticos, Molento (2007) aponta como pontos críticos importantes às questões de negligência e crueldade, cuidados mal orientados e animais errantes devido ao descontrole das populações. Para a autora, abordagens consideradas cruéis e ineficazes, como o extermínio de animais para o controle da população estão sendo substituídas por medidas alternativas que prezam o bem-estar animal.

Estudos mostram que no Brasil, algumas mudanças contribuem para o aumento da frequência dos animais no domicílio, como por exemplo a redução da mortalidade e fecundidade associado ao aumento da longevidade (CHACKIEL, 2004). Além disso, há mudanças no padrão familiar, com diminuição dos membros da família, o crescimento da frequência de casais sem filhos e das famílias monoparentais (ARRIAGADA, 2001). De acordo com Kennedy e McGarvey (2008), essas transformações sociais contribuem com o crescente destaque dos animais no ambiente domiciliar. Em seu experimento, Carvalho (2013) avaliou a afetividade entre famílias e seus animais de estimação. Foi observado que a maioria dos entrevistados permite que os animais circulem pela casa sem restrição, mostrando elevado grau de afeto e a constante presença desses animais no ambiente familiar.

Considerando a escassez de pesquisas científicas sobre as repercussões positivas da relação de animais de estimação com os seres humanos na população brasileira, a frequência cada vez maior de animais de estimação no domicílio e a maior proporção de idosos na sociedade brasileira, este estudo objetivou avaliar o impacto do vínculo de animais de estimação na saúde biopsicossocial de idosos.

METODOLOGIA

O delineamento de dados foi transversal cuja coleta de dados se deu no período de julho a setembro de 2014. Foram entrevistados 150 idosos nos maiores parques e praças da cidade de Curitiba, sendo eles: Jardim Botânico, Praça do Japão, Passeio Público, Praça Oswaldo Cruz, Praça Osório, Parque Barigui e Parque São Lourenço para não restringir a pesquisa a determinado grupo, aumentando a probabilidade de entrevistarmos pessoas diferentes. A amostragem foi aleatória, mantendo a homogeneidade entre homens e mulheres e o questionário elaborado pelas autoras contava com perguntas que abordavam dados sócio-demográficos, hábitos de vida e relação com animais de estimação. O critério para participação voluntária na pesquisa era possuir 60 anos ou mais, estar apto cognitivamente

para responder as questões, residir em Curitiba e concordar com o Termo de Consentimento da pesquisa. Os idosos entrevistados foram aqueles que estavam mais abertos à pausar suas atividades momentaneamente e concordaram responder às perguntas mediante a assinatura do termo de consentimento. Os entrevistados poderiam se recusar a responder qualquer questão a qual não se sentisse à vontade para tanto. O presente trabalho foi submetido ao comitê de ética e aprovado, com número do parecer 646.983.

Para mensurar o grau de satisfação com a vida, foi utilizada a escala de satisfação com a vida, elaborada por Diener *et al.* (1985), contendo uma escala de 5 itens do tipo Likert, de maneira que os entrevistados atribuem um valor de 1 a 7 para cada afirmativa do teste, sendo 1 se discorda fortemente e 7 se concorda fortemente com a afirmativa. O resultado final é obtido pela soma das cotações de cada item (LUCAS, 2012).

Os entrevistados foram questionados sobre quais as três primeiras palavras ou sentimentos que lhe vinham à mente quando eles pensavam em animais de estimação. Essa questão foi baseada no teste de associação livre de palavras, desenvolvido por Carl Jung, cujo princípio se baseia no estímulo, neste caso "animais de estimação" e a enunciação de palavras que se associem a ele. (ESTEVAM, COUTINHO, ARAÚJO, 2009). Através desse tipo de investigação aberta, o entrevistador pode ter acesso a conteúdos latentes, livres da censura a sua evocação (NÓBREGA, COUTINHO, 2003).

RESULTADOS

Ao total, foram abordadas 231 pessoas, no entanto houveram 63 recusas, 8 pessoas abordadas não tinham 60 anos ou mais, 9 não eram moradores permanentes da cidade de Curitiba e 1 não conseguiu entender e responder às questões, totalizando 150 entrevistas válidas.

Dentre as variáveis demográficas, 58.7% dos entrevistados eram homens. No que se refere à idade, 61.3% estavam na faixa etária entre 60 a 69 anos, sendo a faixa etária média 69,3 anos (dp 8,3). Grande parte possui companheiro (65.1%) e a maioria vive acompanhado (78.2%) (tabela 1).

Com relação à escolaridade, 70.7% dos idosos possuía pelo menos o 1º grau completo. Quanto ao nível socioeconômico, 66.0% dos entrevistados declararam que a família recebia três ou mais salários mínimos e 88.7% possui residência própria. Quando questionados sobre a percepção da violência urbana, 45.3% dos idosos consideraram como inseguro o bairro onde moram, sendo que, 62.7% relataram que a violência afeta

negativamente sua qualidade de vida. A maioria não fumava e não consumia bebida alcoólica abusivamente, correspondendo a 91.3% e 90.7% respectivamente. Em geral, a grande maioria dos entrevistados considera-se satisfeito com a vida, representando 82.6% do total (tabela 1).

Quando questionados sobre a autopercepção do seu estado de saúde, os idosos que possuíam renda maior foram os que mais consideraram sua saúde boa ou ótima (72.2%), enquanto que apenas 45.7% dos idosos com renda mais baixa também consideraram sua saúde de maneira positiva.

Tabela 1 - Distribuição dos dados sociodemográficos e percepção da violência de idosos residentes em Curitiba, 2014.

	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
Sexo		
Feminino	62	41,3
Masculino	88	58,7
Idade		
60 – 69	92	61,3
70 ou mais	58	38,7
Estado Civil		
Com companheiro (a)	97	65,1
Sem companheiro (a)	52	34,9
Grau de Escolaridade		
≥ primeiro grau completo	44	29,3
< primeiro grau completo	106	70,7
Com quem reside		
Sozinho	32	21,8
Acompanhado	115	78,2
Renda Mensal Familiar		
≥ 3 salários mínimos	49	34,0
< 3 salários mínimos	95	66,0
Residência		
Própria	133	88,7
Alugada/De outro familiar	17	11,3
Considera o bairro onde mora seguro		
Sim	82	54,7
Não	68	45,3
Violência afeta qualidade de vida		
Sim	94	62,7
Não	56	37,3

Com relação à prevalência de doenças, dentre as mais comuns estão a hipertensão arterial (49.3%), dor lombar (29.3%) e artrite, artrose e reumatismo (26.7%), mostradas na tabela 2.

Tabela 2 - Prevalência de morbidades, estilo de vida, autopercepção de saúde e satisfação com a vida, 2014.

	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
Hipertensão arterial		
Sim	74	49,3
Não	76	50,7
Câncer		
Sim	15	10,0
Não	135	90,0
Depressão		
Sim	24	16,0
Não	126	84,0
Artrite/Artrose/Reumatismo		
Sim	40	26,7
Não	110	73,3
Diabetes Mellitus		
Sim	29	19,3
Não	121	80,7
Dor lombar		
Sim	44	29,3
Não	106	70,7
Hipercolesterolemia		
Sim	35	23,3
Não	115	76,7
Considera-se satisfeito com a vida		
Sim	123	82,6
Não	26	17,4
Tabagismo		
Sim	13	8,7
Não	137	91,3
Consumo abusivo de bebida alcohólica		
Sim	14	9,3
Não	136	90,7

Na tabela 3 estão descritas as respostas referentes às questões sobre animais de estimação no domicílio. Foi constatado que 50.3% dos entrevistados possuíam animais de estimação. Dentre os tutores de animais, 84.8% consideravam seus animais como membros da família (gráfico 1), demonstrando a importância e afetividade vivenciada pelos idosos em

relação aos animais de estimação. Além disso, 69.7% declararam que sua relação com o animal é ótima ou excelente.

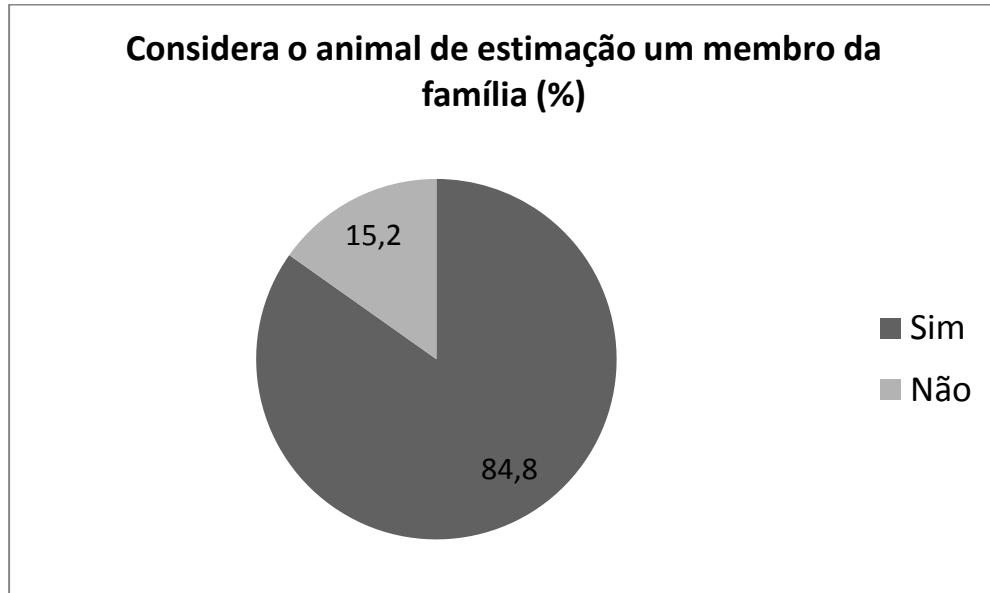


Gráfico 1 - Prevalência de entrevistados que consideram o animal de estimação como membro da família, 2014.

Apenas 36.0% possuíam mais de um animal, e em 84% dos casos este animal é um cachorro. Outros animais citados foram gato, pássaro e roedores, correspondendo juntos a 16% do total. Quando questionados se a presença do animal interfere na sua qualidade de vida, 72.0% acreditam que a presença do animal melhora o seu humor e 40.0% afirmaram que acreditam que a saúde física e psicológica de quem possui animal também melhora, citando diminuição do estado de solidão e depressão, além de que a presença do animal os motiva a praticar pequenas atividades físicas como caminhadas no parque.

Tabela 3 - Distribuição das variáveis relacionadas aos animais de estimação entre idosos frequentadores de parques, 2014

	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
Presença de Animal de Estimação		
Sim	75	50,3
Não	74	49,7
Considera o animal um membro da família		
Sim	67	84,8
Não	12	15,2
Quantos animais possui		
1	48	64,0

	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
≥ 2	27	36,0
Relação com o animal		
Ótima ou excelente	53	69,7
Boa ou regular	23	30,3
Presença do animal melhora o estado humor		
Sim	54	72,0
Não	21	28,0
Considera a presença do animal importante ou muito importante		
Sim	74	96,1
Não	3	3,9
Depois de adquirir o animal a saúde melhorou		
Sim	30	40,0
Não	45	60,0
Quais animais possui		
Cachorro	63	84
Outros (Gato, pássaro, roedor)	12	16

Dentre os resultados encontrados acerca da relação com animais de estimação, destacam-se os principais motivos citados pelos entrevistados pelos quais estes optaram por adquirir seus animais de estimação, sendo eles: Pela companhia (34.7%), Porque traz alegria (32%) e Pelo afeto/carinho que o animal proporciona (30%), representados junto com os outros motivos no gráfico 2:

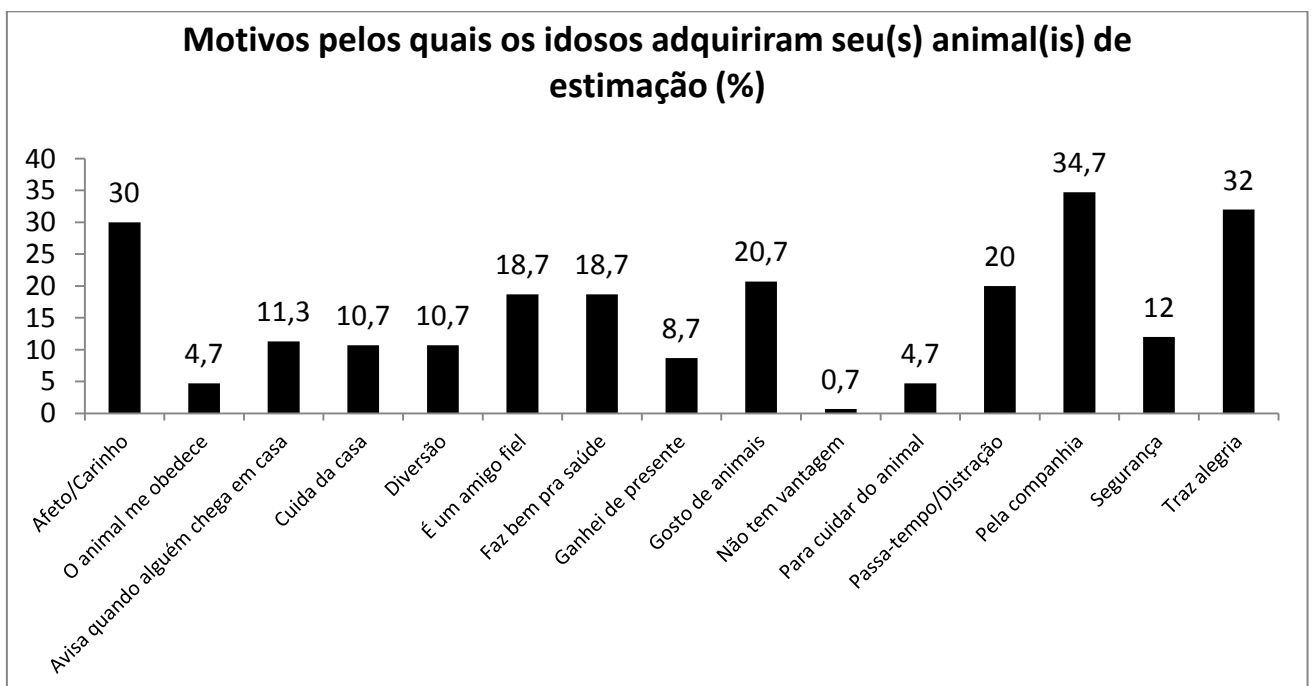


Gráfico 2 - Motivos pelos quais os idosos adquiriram seu(s) animal(is) de estimação em Curitiba, 2014.

Comparando os dados demográficos dos entrevistados que possuíam animais de estimação e os que não possuíam, mostrados na tabela 4, observou-se que 52.3% dos tutores de animais são homens, bem distribuídos com relação a idade e um pouco mais que a metade (55.2%) possui companheiro. Mais da metade das pessoas que possuem animal se considera satisfeito com a vida, correspondendo a 51.6%. A maioria dos tutores de animais (63.3%) recebe mais de 3 salários mínimos e 51.5% tem residência própria. As variáveis estatisticamente significativas com relação à presença de animais de estimação foram: ter renda maior que três salários mínimos, ter a crença de que o animal de estimação melhora a saúde e aumenta o convívio social, considerar sua saúde boa e morar acompanhado.

Tabela 4 - Fatores associados à presença de animal de estimação

Variáveis	Presença de animal de estimação				p
	Sim		Não		
	N	%	N	%	
Sexo					0,57
Masculino	42	52,3	46	52,5	
Feminino	32	47,7	29	47,5	
Idade					0,81
60 a 69	45	51,1	31	50,8	
70 anos ou mais	30	48,9	43	49,2	
Estado Civil					0,08
Com companheiro	43	55,2	53	59,6	
Sem companheiro	31	44,8	21	40,4	
Satisfação com a vida					0,61
Satisfeito	63	51,6	59	53,8	
Insatisfeito	12	48,4	14	46,2	
Tabagismo					0,39
Sim	8	49,3	5	38,5	
Não	67	50,7	69	61,5	
Grau de escolaridade					0,30
≥ primeiro grau completo	25	47,3	19	43,2	
< primeiro grau completo	50	52,4	55	56,8	
Renda Familiar					0,04*
≥ 3 salários mínimos	18	36,7	31	45,7	
< 3 salários mínimos	51	63,3	43	54,3	
Mora sozinho					0,001*
Sim	8	25,0	24	42,1	
Não	66	75,0	48	57,9	
Considera o bairro onde mora seguro					0,44

Sim	16	48,1	42	55,2	
Não	39	51,9	13	44,8	
Crença de que o animal de estimação melhora a saúde					0,0001*
Sim	73	96,8	45	61,9	
Não	1	3,2	30	38,1	
Crença de que o animal torna o dono mais sociável					0,0001*
Sim	73	96,6	47	60,8	
Não	1	3,4	28	39,2	
Se sente solitário					0,68
Sim	21	47,7	23	48,6	
Não	54	52,3	51	51,4	
Se sente valorizado					0,44
Sim	48	51,5	51	55,3	
Não	26	48,5	21	44,7	
Hipertensão arterial					0,45
Sim	39	52,6	34	46,6	
Não	36	47,4	40	53,4	
Depressão					0,39
Sim	14	48,8	10	41,7	
Não	61	51,2	64	58,3	
Possui artrite/artrose/reumatismo					0,20
Sim	23	47,3	16	41,0	
Não	52	52,7	58	59,0	
Diabetes Mellitus					0,15
Sim	18	47,5	11	37,9	
Não	57	52,5	63	62,1	
Tem ou já teve câncer					0,76
Sim	7	46,7	8	49,3	
Não	68	53,3	66	50,7	
Autopercepção de saúde					0,01*
Boa/Muito boa	51	54,9	62	68,6	
Regular/Ruim	24	45,1	11	31,4	

Os entrevistados responderam ao teste de associação livre de palavras de Jung, e tiveram que dizer quais eram as três primeiras palavras que lhe vinham à mente quando pensavam em animais de estimação. Os resultados estão mostrados na tabela 5. Nem todos os entrevistados responderam as três palavras. As palavras foram agrupadas em temas mais frequentes, sendo eles: Amor, Companheirismo, Amizade, Alegria, Admiração, Carinho, Zelo e Outras. Os grupos mais citados foram: Companheirismo (58.8%), com palavras como: companheiro, companhia fiel e Amor (50.3%) com palavras como: amor, amo como filho.

Tabela 5 - Teste de associação livre de palavras de Jung a partir do termo "Animais de estimação" entre idosos, 2014

Palavras citadas	1º palavra		2º palavra		3º palavra		Total	%
	n	%	n	%	N	%		
Companheirismo	9	10	15	25,7	8	23,1	32	58,8
Amor	18	23,7	9	17,9	3	8,7	30	50,3
Zelo	7	7,8	13	22,3	3	8,7	23	38,8
Carinho	15	17	2	3,4	5	14,5	22	34,9
Alegria	7	7,8	5	8,5	6	16	18	32,3
Amizade	13	14,6	5	8,6	3	8,7	21	31,9
Admiração	6	6,8	1	1,7	2	5,8	9	14,3
Outras	11	12,3	7	11,9	5	14,5	23	38,7
TOTAL	86	100	57	100	35	100	178	300

DISCUSSÃO

Os principais resultados do estudo demonstram que o perfil de pessoas que tem animal de estimação é quem tem maior renda e avalia sua saúde positivamente. Estes idosos não moram sozinhos e acreditam que a presença do animal aumenta o convívio social de seus tutores. Essas pessoas valorizam as companhias, preferindo não estarem sozinhas e procurando residir entre familiares e ter animais de estimação. O presente estudo auxilia compreender o impacto da presença e vínculo dos animais de estimação na vida e saúde dos entrevistados.

Quando questionados sobre se consideram que a presença de animais de estimação melhora a saúde de seus tutores, 96,8% dos tutores de animais entrevistados julga que a saúde de quem possui animal é melhor do que de quem não possui, em conformidade com estudos de Raina *et al.*, que já observaram em 1999 que a presença de animais é benéfica para a saúde física e psicológica para a população idosa. Da mesma maneira, estudos de Garrity *et al.* (1989) e Ory & Goldberg (1983) mostraram que idosos com maior apego emocional a seus animais de estimação tinham melhor saúde mental. Ainda segundo Garrity *et al.* (1989), a saúde física dos idosos com companhia humana restrita era melhor quando estes possuíam animais de estimação.

Siegel (1990) observou que eventos estressantes faziam os idosos irem ao médico com mais frequência, no entanto isso não ocorria com idosos que possuíam animais de estimação. Estudos de Serpell (1990) observaram a melhora da saúde física pelo aumento de caminhadas, que passaram de uma para cinco horas semanais e também de outras atividades físicas que o dono passa a executar junto ao cão. Cutt *et al.* (2007) também apontam cães

como incentivadores da atividade física de seus tutores. Mesmo uma atividade simples, como o ato de acariciar o animal pode auxiliar na redução da pressão sanguínea e da ocorrência de doenças cardíacas. Isso vem de encontro com os estudos de Cusack e Smith, que em 1984 já mostraram que pacientes que acariciavam cães tinham reduções imediatas na sua pressão arterial.

Quanto a saúde mental, Serpell (1989) também constatou que a companhia de um animal contribui de forma semelhante à companhia humana. Da mesma maneira, o principal motivo pelo qual os entrevistados do presente estudo relataram ter adquirido o animal foi pela companhia que ele proporciona. Este também foi o principal motivo encontrado no estudo de Serpell (1989). Neste trabalho, encontramos que 51,2% dos idosos que possuem animais não tem nem nunca tiveram depressão e isso pode significar que a presença do animal pode estar inversamente relacionada com estados depressivos, melhorando a saúde psicológica de seus tutores, assim como sugerem os primeiros estudos feitos baseados na TAA.

Serpell (1990) estudou voluntários após adquirirem um novo animal de estimação, e observou que cerca de 50% relatou uma redução em pequenos problemas de saúde durante o primeiro mês após a aquisição e melhorias no bem-estar psicológico. No presente estudo, o resultado referente ao grau de satisfação com a vida não foi significativo entre os idosos que possuíam (51.6%) e os que não possuíam animais de estimação (53.8%). Ainda no estudo de Serpell, foi observado que os tutores de cães passaram a ter menos medo de serem vítimas de crimes, mostrando que apenas uma parcela apresentou medo da violência, diferente do presente estudo, no qual tutores de animais em sua maioria (52.7%) julga que a violência afeta sua qualidade de vida. Esses dados podem ser opostos devido ao fato de os estudos terem sido feitos em locais e períodos muito diferentes, uma vez que o trabalho de Serpell foi realizado no Reino Unido, num momento em que o Conselho local de Ciência e Sociedade relatou uma proliferação considerável de cães de guarda que costumam possuir um perfil protetor, o que pode justificar uma maior sensação de segurança para essa população. Já os cães dos moradores de Curitiba, geralmente são de raças menores devido à grande maioria dos idosos entrevistados morar em apartamento, e quando em casa, os animais costumam ficar dentro do imóvel fazendo companhia ao invés de ficarem no quintal, deixando de oferecer segurança para a casa e seu dono.

Analisando somente quem possui animal de estimação, é interessante notar que 96.6% dos entrevistados considera que seu convívio social aumentou após a aquisição do animal, colocando assim a relação com os animais também como um elo para as relações sociais humanas. Messent (1983) também observou que os tutores de cães possuem maior

interação social quando estão acompanhados de seus cães do que quando estão caminhando sozinhos, evidenciando o papel de catalisador social proposto por Serpell (1986). Esse dado corrobora com as conclusões de diversos autores, dentre eles Costa, Jorge e Coutinho (2009) que afirmam que as interações sociais entre o homem e o animal funcionam como um "lubrificante social", pois a presença do animal de estimação incentiva a conversa do tutor com outras pessoas. Messent (1983) considera que cães facilitam a interação entre estranhos em locais públicos como parques, e Robins *et al.* (1991) acredita que cães reforçam o estabelecimento de confiança entre pessoas recém-conhecidas. Um estudo realizado na Austrália indicou que 58% dos tutores de animais fizeram mais amigos após adquirir o animal (MCHARG *et al.*, 1995). Wood (2005) observou que pessoas que possuem animais também interagem mais com a própria vizinhança. Isso é positivo para o idoso que, muitas vezes, se encontra em uma situação de diminuição de seu círculo social e isolamento, o que pode aumentar a prevalência de doenças psíquicas como a ansiedade e depressão.

Com relação aos dados demográficos e de estado de saúde, pode-se observar que as pessoas com maior renda consideravam seu estado de saúde melhor do que aquelas com renda mais baixa. A maioria das pessoas com renda mais alta (72.2%) considera seu estado de saúde bom ou muito bom, enquanto que 45.7% das pessoas com menor renda avaliaram seu estado de saúde de maneira positiva. Isso está de acordo com os estudos de Uchoa (2003), que defende a visão de que a saúde depende da boa condição financeira, diretamente relacionado com as dificuldades das classes mais baixas de conseguirem acesso à saúde e medicamentos.

Nesta pesquisa constatou-se uma alta prevalência de doenças crônicas, um dado que pode ser considerado preocupante pois algumas destas doenças são negligenciadas pelos portadores, tal como a hipertensão arterial, presente em 49.3% dos entrevistados. Outras doenças mais comumente relatadas foram dores lombares (29.3%), artrite/artrose/reumatismo (26.7%) e hipercolesterolemia (23.3%). Os dados não foram estatisticamente significativos para a depressão, uma vez que a amostragem se deu em parques, locais geralmente pouco frequentados por pacientes depressivos, que tendem a ficar mais em casa. Além disso, a avaliação da depressão ocorreu por autorrelato, o que pode ter subestimado a prevalência e interferido na análise de associação com animais de estimação.

Em um trabalho anterior de Heiden e Santos, quando questionados sobre o motivo que levou os indivíduos a adquirir animais de estimação, a maioria dos entrevistados respondeu "Porque traz alegria". Já nesta pesquisa, este motivo ficou em segundo lugar, citado 32% das vezes, e o motivo mais citado foi "Pela companhia" (34.7%). Em terceiro lugar, o motivo mais citado foi "Pelo afeto/carinho que o animal proporciona", com 30%. A

razão pela qual acreditamos que o motivo "Pela companhia" tenha sido citado mais vezes justifica dados encontrados por diversos autores. Segundo Grandin e Johnson (2006) a relação de companheirismo entre o homem e o cão, por exemplo, datam de mais de cem mil anos, e tem como característica o fato de que o apego do cão ao seu dono que é igual ao do animal à mãe ou da criança aos pais. Através da formação desses laços de afeto, os animais conseguem suprir as necessidades afetivas dos idosos que se afastaram de amigos ou membros da família, desempenhando o papel de reduzir a solidão e inspirar fidelidade, companhia e amizade, como também indicam dados de Faraco e Seminotti (2004). No presente trabalho foi observado que quem tem mais animais de estimação são pessoas que moram acompanhadas e não as que moram sozinhas. Contudo, a apenas a presença do animal não é suficiente para indicar o vínculo com seu dono e com os demais membros da família, de maneira que uma pessoa que mora sozinha, acompanhada apenas por seu animal pode ter uma relação mais forte com ele do que quem mora acompanhado de outros integrantes da família, porém o animal não recebe tanta atenção por esses membros ou não é visto como um membro da família também. Siegel (1990) também aponta a companhia do animal como o principal motivo pela aquisição do animal, acompanhado com sentimentos de "segurança" e "sentir-se amado". Para a autora, muitos idosos procuram médicos não apenas quando apresentam enfermidades, mas também pela necessidade de contato e alguém para conversar, dessa maneira, os idosos que possuem animal vão menos a consultas médicas, pois essa necessidade é suprida pela companhia do animal.

Um dos resultados mais expressivos foi o de que 96.1% dos entrevistados consideram a presença do animal de estimação importante ou muito importante em sua casa. Somado a esse fator, se considerarmos que a alta porcentagem (72%) de idosos que consideram melhor o seu humor depois de adquirir o animal e que muitos (40%) consideraram que sua saúde física e psicológica também melhorou, pode-se sugerir que, para a maioria, o vínculo com o animal representa mais do que uma simples companhia, mas que esta relação é fundamental para aumentar a qualidade de vida dos idosos nos aspectos físicos mas principalmente sentimentais e emocionais. Kawakami e Nakano (2002) também reconhecem o papel da relação entre animais e pacientes das Terapias Assistidas por Animais (TAA), e, assim como o relato dos idosos da presente pesquisa, os autores consideram que a presença do animal diminui a percepção de ansiedade, dor, ajuda a controlar o estresse e depressão, uma vez que os pesquisadores constataram que os níveis de endorfina aumentam com o contato com o animal. Com relação a depressão e corroborando com os dados de

Kawakami e Nakano, o presente estudo também encontrou que 84% dos idosos que possuem animais não possui essa desordem.

De acordo com Beck e Katcher (2003), Ramos (2002) e Cohen (2002), animais de estimação também inspiram o bom humor nas pessoas. Confirmando com esse dado, nós encontramos que 72 % dos entrevistados acreditam que a presença do animal melhora o seu humor.

No teste de associação de palavras de Jung, quando questionados sobre quais eram as três primeiras palavras que lhe vem à mente quando falamos em animais de estimação, a maioria citou "Companheirismo" e "Amor". Esses dados sugerem novamente uma visão positiva da relação com os animais, uma vez que este teste investiga arquétipos que residem no inconsciente dos entrevistados. É importante ressaltar que na percepção das pessoas, a relação com os animais dificilmente é associada a coisas ruins, diferente da maioria dos estudos encontrados na literatura, destacando os animais como fatores de risco de doenças transmitidas pelos animais e por parasitas que são comuns ao homem e ao animal. Ambas as questões são relevantes no processo de saúde-doença, pois a presença do animal pode ser benéfica mas requer certos cuidados com a saúde do animal, para que isso possa refletir na saúde do dono.

Mesmo sendo difícil mensurar o quanto a relação com o animal melhora a vida das pessoas, através deste teste é interessante observar que a maioria das palavras citadas envolvem sentimentos positivos e este resultado foi encontrado tanto para quem se considera satisfeito com a vida quanto para quem não se considera, mostrando que quando se trata de animais até mesmo a percepção dos idosos mais insatisfeitos muda e eles passam a associar apenas sensações boas de alegria, companheirismo e afeto, que podem mesmo que inconscientemente melhorar o humor do idoso.

Quando questionados sobre como é sua relação com seus animais de estimação, muitos idosos se emocionaram e relataram com sinceridade o quão profundos são seus sentimentos. A grande maioria citou as palavras "amor", "amizade", "companheiro", "membro da família", e como a presença dos animais faz a diferença na sua rotina. Alguns relatos que se destacaram foram:

"Eu estava em depressão, meu cão me ajudou. Quando não temos animais, não representam nada. Depois que temos, é difícil de se desfazer. Tenho medo que morra".

"Tenho com ele uma relação de aprendizado. Convívio afetivo. Me sinto bem com ele".

"Substitui o amor dos filhos quando eles casam, amam sua família, nunca me deixam sozinho, me esperam na porta e dormem comigo. Meus netos adoram minhas cachorrinhas".

"Você pode xingar e fazer de tudo e ele não liga, é um verdadeiro amigo, independente de tudo, ama o dono".

"É uma companhia excelente, me sinto feliz com eles. Se ficarem doentes também fico. Trato com amor e carinho. Defendo".

"Animais foram as criaturas que Deus proporcionou para fazer companhia aos seres humanos, para trocar amor, energia. Só vive com amor quem dá amor. Não vejo diferença com meus próximos. Estamos na mesma frequência, mesma vibração. A relação com os animais é uma oração".

Estes relatos mostram o quão intensa é a relação entre os entrevistados e seus animais. Na maioria das vezes, o cão, principalmente, é considerado um membro da família, cuja presença é de extrema importância na casa, fornecendo companhia, lealdade e amizade. Os entrevistados relataram com muita satisfação pequenas atividades diárias compartilhadas com seus animais que significam muito para eles, evidenciando que a presença do animal contribui para a melhora da harmonia da casa e qualidade de vida de seus tutores.

Como pontos fortes do trabalho, pode-se destacar que as entrevistadoras foram em horários diferentes para evitar a abordagem com o mesmo público, todas as entrevistas foram feitas pelas pesquisadoras, garantindo a validade interna da pesquisa. Como limitações, devemos considerar o viés de seleção que indica que pessoas que frequentam parques são as que estão em condições de caminhar, não estão acamadas, tem melhores condições de vida e saúde.

CONCLUSÃO

De maneira geral, pode-se concluir que a presença do animal contribui para a melhora da qualidade de vida dos idosos por serem fontes de amor, companhia, amizade,

lealdade e fidelidade que muitas vezes essas pessoas não encontram em relações interpessoais. A presença do animal de estimação melhora, principalmente, o estado emocional de seus tutores, pois mesmo os que julgam sua saúde de maneira ruim acreditam que a presença do animal melhora o estado de saúde de quem os possui. Isso contribui também no ponto de vista econômico, pois idosos mais saudáveis gastam menos com consultas, internamentos e medicamentos. Além disso, os animais foram lembrados, principalmente, de maneira positiva, remetendo a sentimentos fortes como amor e laços profundos como os familiares, mostrando que além de um companheiro, os idosos vêem seus animais como membros da família, e por criar um vínculo forte o suficiente para lidar com os desafios do cotidiano, pode afetar positivamente na promoção da saúde, prevenção de doenças e tratamento de transtornos mentais e doenças físicas. Desta forma, estes animais naturalmente passam a ser uma terapia alternativa para idosos depressivos que encontram nos seus animais uma fonte inesgotável de amor e um motivo para continuar vivendo com alegria.

REFERÊNCIAS

1. Allen K, Blascovich J, Mendes WB. Cardiovascular reactivity and the presence of pets, friends and spouses: the truth about cats and dogs. *Psychosomatic Medicine*, v. 64, p. 727-739, 2002.
2. Anderson W, Reid C, Jennings G: Pet ownership and risk factors for cardiovascular disease. *Medical Journal of Australia*. v. 157, p.298-301, 1992
3. Arriagada I. Familias latinoamericanas. Diagnóstico y políticas públicas en los inicios del nuevo siglo. CEPAL - SERIE Políticas sociales, n. 57, p. 1-55, 2001.
4. Beck AM, Katcher AH. Future directions in human-animal bond research. *American Behavioral Scientist*, Sage Publications, v. 47, n. 1, p. 79-93, 2003.
5. Carvalho N, Costa MP, Viadanna PHO, Araujo CNP, Santos JBF, Oliveira PR. Importância da relação cão-idoso para aprimoramento da qualidade de vida em instituições de longa permanência para idosos na cidade de Uberlândia-MG. *Em Extensão*; v.10, n.1, p. 128-138, jan./jun. 2011.
6. Carvalho RS, Pessanh LDR. Relação entre famílias, animais de estimação, afetividade e consumo: estudo realizado em bairros do rio de janeiro. *Revista Sociais e Humanas - UFSM*, v. 26, n. 03, p. 622 - 637, 2013.
7. Chackiel J. La dinámica demográfica en América Latina. CEPAL - SERIE población y desarrollo, n. 52, p. 1-78, 2004.

8. Cohen SP. Can pets function as family members? *Western Journal of Nursing Research*. v. 24, n. 6, p. 621-638, 2002.
9. Costa EC, Jorge MSB, Saraiva ERA, Coutinho MPL. Aspectos psicossociais da convivência de pessoas idosas com animais de estimação: uma interação social alternativa, *Psicologia: Teoria e Prática*, n. 11 v.3 p.2-15, 2009
10. Cusack O, Smith E: *Pets and the Elderly: The Therapeutic Bond*. The Haworth Press. p 13-16. 1984.
11. Cutt H, Giles-Corti B, Knuiiman M, Burke V. Dog ownership, health and physical activity: A critical review of the literature. *Health & Place*, v.13 p. 261–272. 2007.
12. Estevam ID, Coutinho MPL, Araújo LF. Os desafios da prática socioeducativa de privação de liberdade em adolescentes em conflito com a lei: Ressocialização ou exclusão social? *Psico*, v.40 n.1, p. 64-72. 2009.
13. Faraco C, Seminotti N. A Relação Homem-Animal e a Prática Veterinária. *Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária*, v. 10, N. 32, p. 57-62, 2004.
14. Friedmann E, Katcher AH, Lynch JJ. Animal companions and one-year survival of patients after discharge from a coronary care unit. *Public Health Reports*. v. 95, p.307-312, 1980
15. Friedmann E, Thomas SA. Relationship between pet ownership and heart rate variability in patients with healed myocardial infarcts. *American Journal of Cardiology*. v. 91, p.718-721, 2003
16. Garrity TE, Stallones L, Marx MB, Johnson TP. Pet ownership and attachment as supportive factors in the health of the elderly. *Anthrozoos*, v.3, p.35-44. 1989.
17. Kawakami CH, Nakano CK. Relato de Experiência: Terapia Assistida por Animais (TAA) mais um recurso na comunicação entre o paciente e enfermeiro. In: *Simpósio brasileiro de comunicação em enfermagem*. 2002.
18. Kennedy PF, Mcgarvey MG. Animal-companion depictions in women's magazine advertising, *Journal of Business Research*, v. 61, n. 5, p. 424–430, 2008.
19. Leal C, Natalie K. Animais Terapeutas. *Revista Mente & Cérebro*. v.169. 2007.
20. Lucas C, Freitas C, Oliveira C, Machado M, Monteiro M. Exercício físico e satisfação com a vida: Um estudo com adolescentes. *Psicologia, Saúde e Doenças*. v. 12. 2012.
21. Massard CL, Fonseca AH. Carrapatos e doenças transmitidas comuns ao homem e aos animais. *A hora veterinária*, v. 135, p. 15-23, 2004.
22. Mcharg M, Baldock C, Heady B, Robinson A. *National people and pets survey*. Urban Animal Management Coalition. 1995.

23. McNicholas J, Gilbey A, Rennie A, Ahmedzai S, Dono JA., Ormerod E. Pet ownership and human health: a brief review of evidence and issues. *BMJ*. v. 331. 2005
24. Messent RR. Social facilitation of contact with other people by pet dogs. In *New Perspectives on Our Lives with Companion Animals*. University of Pennsylvania Press, p. 37-46. 1983.
25. Molento CFM. Bem-estar animal: qual é a novidade? *Acta Scientiae Veterinariae*. v. 35, p.224-226, 2007
26. Nóbrega SM, Coutinho MPL. O teste de associação livre de palavras. *Representações sociais: Abordagem interdisciplinar*. p. 67-77. 2003
27. Odendaal JSJ. A physiologic basis for animal-facilitated psychotherapy. PhD thesis, University of Pretoria, 1999
28. Ory M, Goldberg E. Pet ownership and life satisfaction in elderly women. University of Pennsylvania Press. p. 803-817. 1983.
29. Ownby DR, Johnson CC, Peterson, EL. Exposure to dogs and cats in the first year of life and risk of allergic sensitization at 6 to 7 years of age. *JAMA*. v.72, p. 963-972. 2002.
30. Raina, P, Waltner-Toews D, Bonnett B, Woodward C, Abernathy T. Influence of companion animal on the physical and psychological health of older people: an analysis of one-year longitudinal study. *Journal of American Geriatric Society*, v. 47, p. 323-329, 1999.
31. Ramos MP. Apoio social e saúde entre idosos. *Sociologias*, n. 7, p. 156–175, 2002.
32. Robins D, Sanders C, Cahill S. Dogs and their people: pet-facilitated interaction in a public setting. *Journal of Contemporary Ethnography*, v.20, p3–25. 1991.
33. Savikko N, Routasalo P, Tilvis RS, Strandberg TE, Pitkala KH. Predictors and subjective causes of loneliness in an aged population. *Arch Gerontol Geriatr*. v.41, p. 223-33. 2005
34. Serpell JA. *In the Company of Animals*. Basil Blackwell, Oxford. 1986.
35. Serpell JA. Humans, animals, and the limits of friendship. In *The Dialectics of Friendship*. Eds. R. A. Porter and S. Tomaselli. Routledge.p 111-129. 1989
36. Serpell JA. Evidence for long term effects of pet ownership on human health. *Pets, Benefits and Praticce*. 1990.
37. Siegel JM. Stressful Life Events and Use of Physician Services Among the Elderly: The Moderating Role of Pet Ownership. *Journal of Personality and Social Psychology*. v. 58, p.1081-1086. 1990.
38. Suthers-Mccabe HM. Take one pet and call me in the morning. *Generations*, v. 25, p.

93-95, 2001.

39. Teixeira LMF. Solidão, depressão e qualidade de vida em idosos: um estudo avaliativo exploratório e implementação-piloto de um programa de intervenção. Seção de Psicologia Clínica e da Saúde. Núcleo de Psicologia da Saúde e da Doença. 2010.
40. Wolff AI, Frishman WH. Animal-Assisted Therapy in Cardiovascular Disease. *Seminars in Integrative Medicine*. v. 2, p.131-134. 2005
41. Wood L, Giles-Corti B, Bullara M. The pet connection: Pets as a conduit for social capital? *Social Science & Medicine*. v. 61. 2005.

REFERÊNCIAS

ALLEN, K.; BLASCOVICH, J.; MENDES, W. B. Cardiovascular reactivity and the presence of pets, friends and spouses: the truth about cats and dogs. **Psychosomatic Medicine**, v. 64, p. 727-739, 2002.

ARAÚJO, L. F.; COELHO, C. G.; MENDONÇA, E. T.; VAZ, A. V. M.; BATISTA, R. S.; COTTA, R. M. M. Evidências da contribuição dos programas de assistência ao idoso na promoção do envelhecimento saudável no Brasil. **Rev Panamericana de Salud Publica**. v. 30, p. 80–86, 2011.

BECK, A. M., KATCHER, A. H. "Between Pets and People: The Importance of Animal Companionship." **Purdue University Press**. 1996.

CARVALHO, N.; COSTA, M.P.; VIADANNA, P.H.O.; ARAUJO, C.N.P.; SANTOS, J.B.F.; OLIVEIRA, P.R. Importância da relação cão-idoso para aprimoramento da qualidade de vida em instituições de longa permanência para idosos na cidade de Uberlândia-MG. **Em Extensão**; v.10, n.1, p. 128-138, jan./jun. 2011.

CHIEPPA, F. "A Pet Therapy": significado, origens, múltiplas aplicações. Um claro exemplo de pet therapy: a espantosa história de Robert Stroud (Elementos de Zooantropologia). 2002. p.40-42.

COHEN, S. P. Can pets function as family members? **Western Journal of Nursing Research**. v. 24, n. 6, p. 621-638, 2002.

COSTA, E. C. Animais de estimação: uma abordagem psico sociológica da concepção dos idosos, p. 195, 2006

COSTA, E.C., JORGE, M.S.B, SARAIVA E. R. A., COUTINHO M. P. L. Aspectos psicossociais da convivência de pessoas idosas com animais de estimação: uma interação social alternativa, **Psicologia: Teoria e Prática**, n. 11 v.3 p.2-15, 2009.

COSTA, M. F. L.; BARRETO, S. M. Tipos de estudos epidemiológicos: conceitos básicos e aplicações na área do envelhecimento. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**; v.12, p.189 - 201, 2003.

CUPERTINO, A. P. F. B.; ROSA, F. H. M.; RIBEIRO, P. C. C. Definição de envelhecimento saudável na perspectiva de indivíduos idosos. **Psicologia**:

Reflexão e Crítica. v. 20, n. 1, p. 81-86, 2007.

CUSACK O, SMITH E: Pets and the Elderly: The Therapeutic Bond. **The Haworth Press**. p 13-16. 1984

CUTT, H., GILES-CORTI, B., KNUIMAN, M., BURKE, V. Dog ownership, health and physical activity: A critical review of the literature. **Health & Place**, v.13 p. 261–272. 2007

FARACO, C.; SEMINOTTI, N. A Relação Homem-Animal e a Prática Veterinária. Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária, v. 10, N. 32, p. 57-62, 2004.

FIEDLER, M. M.; PERES, K. G. Capacidade funcional e fatores associados em idosos do Sul do Brasil: um estudo de base populacional. **Caderno de Saúde Pública**, v. 24, n. 2, p. 409-415, 2008.

FRIEDMANN, E. The Animal Human Bond: Health and Wellness. In Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical Foundations and Guidelines for Practice. **Academic Press**. p. 41-58, 2000.

GARRITY, T. F.; E STALLONES, L. Effects of Pet Contact on Human Well Being. In Companion Animals in Human Health. **Sage**. p. 3-22, 1998.

GARRITY, T. E, STALLONES, L., MARX, M. B., & JOHNSON, T. P. Pet ownership and attachment as supportive factors in the health of the elderly. **Anthrozoos**, v.3, p.35-44. 1989.

IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em:<<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em 02 de abril de 2014.

KAWAKAMI, C.H., NAKANO, C. K. Relato de Experiência: Terapia Assistida por Animais (TAA) mais um recurso na comunicação entre o paciente e enfermeiro. In: Simpósio brasileiro de comunicação em enfermagem. 2002.

LIMA, M.; SOUSA, L. A Influência Positiva dos Animais de Ajuda Social. **Interações** v. 6, p. 156-174, 2004.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, SISAP Idoso (Sistema de Indicadores de Saúde e Acompanhamento de Políticas do Idoso), 2010. Disponível em: <<http://www.saudeidoso.iciet.fiocruz.br/>>. Acesso em 02 de abril de 2014.

PAIM, J. S.; FILHO, N. A. Saúde Coletiva: uma “nova saúde pública” ou campo aberto a novos paradigmas? **Revista de Saúde Pública**, v. 32, p. 299-316, 1998.

PENTEADO, A. L. C. A.; A influência da terapia assistida por animais na percepção corporal de idosos institucionalizados. Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 2012.

PEREIRA, M.J.F., PEREIRA, L., FERREIRA, M.L. Os benefícios da Terapia Assistida por Animais: uma revisão bibliográfica. **Saúde Coletiva**, v. 4, p.62-66. 2007.

PINTO, R. B. R.; BASTOS, L. C.; Abordagem das pesquisas em epidemiologia aplicada à gerontologia no Brasil: revisão da literatura em periódicos, entre 1995 e 2005. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 10, p. 361-369, 2007.

RAINA, P.; WALTNER-TOEWS, D.; BONNETT, B.; WOODWARD, C.; ABERNATHY, T. Influence of companion animal on the physical and psychological health of older people: an analysis of one-year longitudinal study. **Journal of American Geriatric Society**, v. 47, p. 323-329, 1999.

RAMOS, M. P. Apoio social e saúde entre idosos. **Sociologias**, n. 7, p. 156–175, 2002.

RAMOS, L. R.; Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano: Projeto Epidoso, São Paulo. **Caderno de Saúde Pública**, v. 19, p. 793-797, 2003.

SERPELL, J.A. Evidence for long term effects of pet ownership on human health. **Pets, Benefits and Practice**. 1990.

SIEGEL, J.M. Stressful Life Events and Use of Physician Services Among the Elderly: The Moderating Role of Pet Ownership. **Journal of Personality and Social Psychology**. v. 58, p.1081-1086. 1990.

SIQUEIRA, F V., FACCHINI, L. A., PICCINI, R. X., TOMASI, E., THUMÉ, E., SILVEIRA, D. S., HALLAL, P. C. Atividade física em adultos e idosos residentes em áreas de abrangência de unidades básicas de saúde de municípios das regiões Sul e Nordeste do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 24, p. 39-54, 2008.

SUTHERS-McCABE, H. M.; Take one pet and call me in the morning. **Generations**, v. 25, p. 93-95, 2001.

VERAS, R.; Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Revista de Saúde Pública**, v. 43, p. 548-554, 2009.

VINING, J.; The connection toot her animals and caring for nature. **Human Ecology Review**, v.10, 2003.

WHO, World Health Organization. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

ANEXOS

ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO.....	40
ANEXO 2- PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....	45

ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO

Parque:**1. Sexo:**

1. () Masculino 2. () Feminino

2. Qual seu estado civil?

3. () Solteiro 4. () Casado 5. () Viúvo 6. () Divorciado/Separado 7. () União Estável

3. Quantos anos completos o senhor(a) possui?**4. Quantos anos completos o senhor(a) estudou?**

1. () 0 anos - Analfabeto
 2. () 4 anos – Primário completo ou até 4ª série do Ensino Fundamental
 3. () 8 anos - 1º grau ou Ensino Fundamental/ginasial completo
 4. () 11 anos - 2º grau ou Ensino Médio
 5. () 15 anos - Ensino Superior
 6. () Pós-Graduação

5. Com quantas pessoas você reside atualmente?**6. Ainda quanto ao seu trabalho, o senhor(a) é:**

1. () Autônomo 2. () Carteira Assinada 3. () Aposentado
 4. () Afastado pelo INSS 5. () Dona de casa 6.()
 Desempregado
 7. () Outro

7. Qual a sua renda mensal familiar?

1. () Sem renda 2. () Menos de 1 salário mínimo
 3. () De 1 até 3 salários mínimo 4. () De 3 até 5 salários mínimo
 5. () De 5 a 10 salários mínimo 6. () Mais de 10 salários mínimo

8. A sua residência é:

1. () Própria 2. () Alugada 3. () De algum familiar

8.1 O senhor considera o bairro onde mora seguro?

1. () Sim 2. () Não 3. () Mais ou menos seguro

8.2 A violência/insegurança afeta sua qualidade de vida?

1. () Sim 2. () Não 3. () Mais ou menos

9. O senhor (a) fuma?

1. () Sim 2. () Não 3. () Ex-fumante

9.1 Nos últimos 30 dias o senhor (a) consumiu mais que 4 (para mulher) ou 5 (para homem) doses de bebida alcoólica em uma ocasião?

1. () Sim 2. () Não

10. Como o senhor(a) classificaria sua qualidade de vida?

1. () Muito boa 2. () Boa 3. () Regular 4. () Ruim 5. () Muito ruim

11. Qual a nota (de 0 a 10, sendo 10 a nota mais alta) você daria para a sua qualidade de vida:

Há 10 anos atrás? _____

Hoje? _____

12. Como você classifica o seu estado de saúde

1. () Muito bom 2. () Bom 3. () Regular 4. () Ruim 5. () Muito ruim

13. Quais das doenças abaixo você já foi informado por um médico ou outro profissional da saúde que tem ou teve:

- | | |
|---|---|
| 1. () Hipertensão Arterial/ Pressão Alta
sangue | 2. () Diabetes Mellitus/ Açúcar no
sangue |
| 3. () Colesterol elevado | 4. () Angina |
| 5. () Insuficiência Cardíaca | 6. () Infarto Agudo do Miocárdio |
| 7. () Doença Cerebrovascular/Derrame | 8. () Insuficiência Renal Crônica |
| 9. () Doença Pulmonar | 10. () Câncer |
| 11. () Artrite/ Artrose/ Reumatismo | 12. () Problema na coluna |
| 13. () Depressão | 14. () Problemas de pele |
| 15. () Outras, qual(is)? _____ | |

14. O senhor(a) se sente valorizado?

- | | | |
|---------------------------|---------------------------------|-------------------------|
| 1. () Sempre
ou menos | 2. () Na maior parte das vezes | 3. () Mais
ou menos |
| | 4. () Pouco | 5. () Nunca |

15. O senhor(a) sente-se solitário?

1. () Sempre ou menos 2. () Na maior parte das vezes 3. () Mais
4. () Pouco 5. () Nunca

16. Qual o seu grau de satisfação com a vida?

Em muitos aspectos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais	1	2	3	4	5	6	7
As minhas condições de vida são excelentes	1	2	3	4	5	6	7
Estou satisfeito com a minha vida	1	2	3	4	5	6	7
Até agora, consegui obter aquilo que era importante na vida	1	2	3	4	5	6	7
Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria em praticamente nada	1	2	3	4	5	6	7

17. Você possui animal de estimação?

1. () Sim 2. () Não

18. Se sim, quantos? _____

19. Quais são esses animais?

1. () Cachorro 2. () Gato 3. () Pássaro 4. () Peixe
5. () Coelho 6. () Roedor 7. () Outro. Qual(is) ?

20. Se não, gostaria de ter um animal de estimação?

1. () Sim 2. () Não

21. Quando eu falo ANIMAL DE ESTIMAÇÃO, quais os sentimentos que lhe vem à mente. Coloque em ordem de importância?

22. Onde o(s) animal(is) ficam na sua casa?

1. () Dentro de casa 2. () Fora de casa 3. () Corrente/gaiola 4. () Livre pela casa

23. Há quantos anos você tem o animal?

Animal 1	
Animal 2	
Animal 3	
Animal 4	

24. Por quê você decidiu adquirir o animal ? Assinale quantas opções forem necessárias

1. () Faz bem pra saúde 2. () Pela companhia 3.() Traz alegria
 4. () É um amigo fiel 5. () Passa-tempo/distração 6. () Segurança
 7. () Para cuidar do animal 8. () Cuida da casa 9.() Diversão
 10. () O animal me obedece 11. () Gosto de animais 12. () Afeto/Carinho
 13. () Ganhei de presente 14. () Não tem vantagem 15. () Avisa quando alguém chega na casa

25. O animal que mora com você é seu, ou de outro membro da família?

1. () Meu 2.() De outro familiar

26. Como você define sua relação com o seu animal?

1. () Péssima 2. () Ruim 3. () Regular 4. () Boa
 5. () Ótima 6. () Excelente

27. Após adquirir o animal, você acha que sua saúde:

1. () Melhorou 2. () Piorou 3. () Não alterou

28. Você pratica atividades aeróbicas/físicas (caminhadas, passeios) com seu animal de estimação?

1. () Sim 2. () Não

29. Em relação ao seu convívio social, depois que adquiriu o animal, você acredita que ele:

1. () Aumentou 2. () Diminuiu 3.() Não alterou

30. Em relação ao seu humor, o animal contribui para:

1. () Melhorar, deixar mais alegre 2. () Piorar, deixar mais triste 3. () Não faz diferença

31. Você acha que a presença do animal em sua casa é:

1. () Nem um pouco importante 2. () Pouco importante 3. ()
Importante 4. () Muito importante

32. Você considera seu animal um membro da família?

1. () Sim 2. () Não

33. Já teve outros animais de estimação?

1. () Sim 2. () Não

34.1 Se sim, qual foi a sua reação ao perder o animal? Assinale quantas alternativas forem necessárias

1. () Tristeza 2. () Saudade 3. () Pena 4. () Indiferença
5. () Outras

35. Descreva como é a sua relação com seu animal

ANEXO 2 - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - SETOR DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Avaliação do impacto de atividades lúdicas e de lazer na condição de saúde de idosos frequentadores de praças e parques de Curitiba-PR.

Pesquisador: Milene Zanoni da Silva Vosgerau

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 30808314.2.0000.0102

Instituição Proponente: Departamento de Saúde Comunitária

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 646.983

Data da Relatoria: 14/05/2014

Apresentação do Projeto:

A pesquisa em tela pretende desenvolver estudo epidemiológico observacional do tipo transversal. O estudo será desenvolvido por meio de entrevistas feitas individualmente com os idosos presentes em parques e praças específicos de Curitiba - PR. Dentre os parques e praças estão: Passeio Público, Jardim Botânico, Parque Barigui, Parque São Lourenço e Praça do Japão. Os pesquisadores pretendem aplicar um questionário contendo perguntas relativas a saúde e qualidade de vida dessa população. Os dados obtidos serão posteriormente analisados a fim de encontrar associações entre determinados estilos de vida e a melhoria do bem estar biopsicossocial.

Objetivo da Pesquisa:

São os objetivos, segundo os autores:

Geral:

-Avaliar o impacto de atividades lúdicas e de lazer na condição de saúde de idosos frequentadores de praças e parques de Curitiba-PR .

Específicos:

-Avaliar o perfil sociodemográfico dos idosos;

Endereço: Rua Padre Camargo, 280

Bairro: 2º andar

CEP: 80.060-240

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - SETOR DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -



Continuação do Parecer: 646.983

-Identificar estilo de vida, perfil de morbididades, utilização de serviços de saúde e consumo de medicamentos;

-Verificar os efeitos de atividades física, cognitiva e artística na saúde biopsicossocial de idosos;

-Avaliar o impacto do vínculo de animais de estimação na saúde biopsicossocial de idosos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos são descritos adequadamente.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa mostra-se exequível e apresenta corpo textual com argumentações claras sobre sua importância para a área.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos são apresentados de maneira adequada.

Recomendações:

Solicitamos que sejam apresentados a este CEP, relatórios semestrais sobre o andamento e relatório final da pesquisa, bem como informações relativas às modificações do protocolo, cancelamento, encerramento e destino dos conhecimentos obtidos, através da Plataforma Brasil - no modo: NOTIFICAÇÃO.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto encontra-se bem escrito e com delineação profícua dos métodos a serem realizados.

É obrigatório retirar na secretaria do CEP/SD uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com carimbo onde constará data de aprovação por este CEP/SD, sendo este modelo reproduzido para aplicar junto ao participante da pesquisa.

O TCLE deverá conter duas vias, uma ficará com o pesquisador e uma cópia ficará com o participante da pesquisa (Carta Circular nº. 003/2011CONEP/CNS).

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O TCLE deverá conter duas vias, uma ficará com o pesquisador e uma cópia ficará com o

Endereço: Rua Padre Camargo, 280

Bairro: 2º andar

UF: PR

Telefone: (41)3360-7259

Município: CURITIBA

CEP: 80.060-240

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - SETOR DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -



Continuação do Parecer: 646.983

participante da pesquisa, tanto o participante como o pesquisador deverão rubricar todas as páginas do TCLE, opondo assinaturas na última página do referido Termo (Carta Circular nº. 003/2011/CONEP/CNS).

CURITIBA, 14 de Maio de 2014

Assinado por:
IDA CRISTINA GUBERT
(Coordenador)

Endereço: Rua Padre Camargo, 280
Bairro: 2ª andar
UF: PR
Telefone: (41)3360-7259
Município: CURITIBA
CEP: 80.060-240
E-mail: cometica.saude@ufpr.br